

FerroVia Láctea

(Daniel Faiad).

PREFÁCIO

Dêmos graças a tudo que reluz no Universo e proporciona um vislumbre da magnificência divina.

Dêmos graças às imensuráveis localidades do Infinito que demarcam onde nossa toada evolutiva pode chegar.

Mas, tudo isso, cômnicos que a Teofania mais bonita é o Cristo...

Dêmos graças à indefectível engenhosidade em que nossa casa planetária foi fixada no Firmamento, permitindo as estações para emergir o milagre Vida.

Dêmos graças à similaridade do núcleo do átomo ao Macrocosmo, denotando o capricho do Criador.

Mas, tudo isso, cômnicos que a Teofania mais bonita é o Cristo...

Dêmos graças a todas as maravilhas das irmãs Fauna e Flora, notoriamente maestrinas magistrais.

Dêmos graças às sementes que caem no solo gerando mais terricolaridades, assim como o fruto para germinar a Vida também está dentro de nós, sendo sublime presente.

Mas, tudo isso, cômnicos que a Teofania mais bonita é o Cristo...

Dêmos graças à aquarela da Aurora Boreal, ao salto do golfinho, à metamorfose da crisálida, o pairar do beija-flor, o rugido do leão e o pouso do condor.

Dêmos graças também a todo esplendor do etéreo, do imaterial, do invisível, a todo mistério que poetiza nossas buscas, e toda libertação provinda de nossas revelações e descobertas.

Mas, tudo isso, cômnicos que a Teofania mais bonita é o Cristo...!

(Daniel Faiad).

FerroVia Láctea

— Penso que a expressão Amor Incondicional é um pleonasma inconsciente e acidental, pois se há genuinamente Amor, necessariamente é altruísta e pleno (disse Lio Akbel ao espelho, sendo sua primeira frase proferida no dia).

Notou que o espelho era mero instrumento, na verdade ele verbalizou tal ideia a si mesmo, e tinha explanado também ao Mundo, mesmo que naquele momento aparentemente só ele ouvira, a energia de toda frase emite vibração, principalmente as ditas ou emanadas com fervor.

Mas se emitira o recado a si mesmo e ao Mundo, isso sinalizava que o Mundo interior e exterior, em um enredo de circunstâncias, um espelhava-se no outro, trazendo acontecimentos que eram indícios do panorama de quais eram suas Missões na Terra e consigo mesmo.

Porém, se tinha dito a si mesmo, ao Mundo interior, era porque tratava-se de algo que ele necessitava aprender. E se tinha dito simultaneamente ao Mundo exterior, era porque tratava-se de algo que ele poderia ensinar também.

Entretanto, se sentia que tinha o potencial de lecionar crucial axioma, era porque já havia nele a semente de tal sabedoria. Então, talvez não necessitasse aprender, e sim reaprender, redescobrir sua Real Essência.

Investigou intimamente se tal insight provinha da mente ou do coração, da psique ou do emocional, se era o autor ou se tinha sido conselho de algum Guardião Metafísico.

Não chegou à conclusão alguma.

Olhou para o espelho, lembrou-se que tinha exatos quarenta anos.

E ele que era fã de esportes, fez uma analogia ao jogo de Futebol, não sentia-se aos quarenta do Primeiro tempo, com uma gama de possibilidades a realizar, e sim, sentiu-se aos quarenta do Segundo tempo, onde a ansiedade de fazer algo acontecer o atabalhoava.

Então não queria mais olhar para o espelho de lâmina de cristal, e sim para o espelho de dentro, mas mais uma vez as circunstâncias do Mundo interior reverberavam no Mundo exterior, e ele entendeu que sentia-se atrasado e com pressa.

Atrasado à vida que um dia prometera a si mesmo e com pressa de mudar tal realidade, sem respeitar o autoprocesso.

Ele só não houvera absorvido ainda o porquê a Evolução Espiritual que reivindicara a si mesmo, teimava-se em postergação insistente, mas tinha projetado seus sonhos em cima de uma miragem, pois se ainda não se conhecia integralmente, não poderia ofertar as graças certas a um parcial desconhecido.

Sentiu falta do finado pai que não conhecera, mas tinha a convicção que o amava, e saudade da longínqua mãe que conotava mimadamente como sua pessoa preferida.

Seus pais apaixonaram-se efusivamente, casaram, mas passaram anos sem sucesso no intuito que tinham em gerar fi-

lhós, quando finalmente decidiram-se dar entrada na papelada burocrática para adoção de uma criança, sua mãe engravidou, felicitando o casal, mas o destino os surpreendeu e no meio da gestação de Lio Akbel, seu pai falecera.

Além de sua natural vocação maternal, sua mãe ape-
gou-se mais ainda ao nascituro para amenizar a dor do luto. Lio Akbel nasceu e assim passaram-se os anos sendo mãe e filho e melhores amigos.

Em uma determinada Primavera, surgiu uma oportuni-
dade para sua mãe, a Senhora Glória Akbel, realizar o sonho de ter um sítio.

O sítio era muito parecido aos moldes que ela sempre desejou e o preço extremamente abaixo de seu valor estimado por causa de um desentendimento em que os herdeiros do ex dono quiseram se desfazer do imóvel, não fazendo muita ques-
tão da manutenção da propriedade.

Houve um impasse porque Lio Akbel não poderia e nem queria sair da cidade grande, pois era o local que seu im-
pulso boêmio gostava e também devido seus projetos.

A Senhora Glória Akbel por sua vez, igualmente ao seu filho, não abria mão de viverem juntos, além de certa idade avançada para morar só e distante, adotaria o sítio apenas co-
mo lugar de descanso eventual, mas como havia muitos detalhes a serem restaurados e organizados no sítio, suas idas começaram a ser cada vez mais frequentes para sua própria supervisão, até chegar a situação que ela foi adaptando-se e sentindo-se tão responsável pelo local que já fazia três anos

que ela morava no sítio, sem conseguir se desvencilhar das tarefas que a prendiam lá, e concomitantemente com extremo pesar pois queria o filho para junto de si, então respeitava sua paixão pela cidade grande, mas tentava convencê-lo de morar no campo e ajudá-la naquela empreitada que ela adotara como Propósito de vida, porém, ele não entendia o intuito daquilo tudo e queria sua mãe de volta à zona urbana, tanto é que mesmo sendo filho zeloso, só foi até o local no dia da compra, quando se viam era sempre ela que ia até ele, indo à cidade grande, aproveitando para fazer compras de certos mantimentos que não havia em sua nova cidade.

Mas mesmo com a distância devido à laboriosidade da empreitada da Senhora Glória e a correria do cotidiano de Lio Akbel com seus projetos urbanos e com os sobrecarregamentos das exigências da sobrevivência, o Amor em nada diminuía, o laço entre os dois mantinha-se irreparável e a cumplicidade vencia todas essas barreiras separatistas.

Lio Akbel arrumou-se para trabalhar, fez um café e duas preces, uma ao passar pela sala, outra ao passar pelo quintal. Já em meio ao povo, sentindo a cidade grande pulsar, Lio Akbel asseverou a si mesmo que se cada pessoa é a protagonista de sua própria história, é salutar lembrar que essas sagas se interseccionam, originando destinos cruzados, então estamos todos interligados.

Lio Akbel olhou ao seu redor e viu o Mundo como um campo minado, uma arena a qual lutavam o bem e o mal, percebeu que o bem lutava, mas não brigava, então era muito

mais que mero ringue, era a benevolência da depuração espiritual digladiando com a ignorância limitante.

Entre o Agora e a Ágora, visualizou o que era transitório e o que era sempiterno, conectando-se com cada irmão, entrelaçando-se com cada ser. Não soube medir se sentia-se convergente ao Tudo e ao Todo.

Viu seus semelhantes e concebeu que o grande drama humano era não saber quem se é, o esquecimento do potencial de sermos Eternos por sermos Filhos de Deus.

Lio Akbel sentiu-se bagunçado ao não saber quantos matizes separavam os sonhos pessoais dos anseios coletivos, se é que se separavam, talvez fossem tinta do mesmo pote, apenas multiplicando os tons variantes e complementares de uma aquarela em comum.

Lio Akbel observava o Mundo e o Mundo o olhava, mas cada um o via com a respectiva lente, então alguns viam nele um moço, outros um senhor, alguns viam nele um derrotado, outros um felizardo, alguns viam nele um limitado, outros um ilimitado, alguns viam nele um filho de Deus, outros matéria inteligente condensada.

Ao chegar à academia a qual lecionava Yoga no horário em que a aula era específica para terceira idade, viu em cada uma das senhoras entusiasmadas em vê-lo, um pouco de sua mãe, lembrou que estranhamente já fazia quase uma semana que sua figura materna não o telefonava, ligações as quais sempre partiam dela, pois no sítio não havia linha telefônica e nem sinal para celular, ela ia até o pequeno centro da cidade

interiorana e usava o aparelho telefônico de uma amiga que trabalhava em um estabelecimento de jogo do bicho.

Foi quando enquanto cumprimentava as senhoras presentes uma a uma, e já tinha saudado mais da metade quando seu telefone celular tocou e apareceu o número habitual das ligações de sua mãe, ele logo animou-se para conversar com sua mãe, mas ao atender, era outra voz feminina.

Uma voz bem mais jovial que se apresentou como Mirrella Belleclair, informando que sua mãe quebrara o fêmur e estava no hospital do centro de sua nova cidade.

Ele agradeceu à tal moça a informação e os cuidados narrados os quais ela estava direcionando à sua mãe, a ligação encerrou-se, preocupado e esbaforido despediu-se de suas alunas, explicitando-as o adiamento daquela aula e à administração da academia seu afastamento temporário, mas sem data exata de retorno.

Voltou para casa, fez sua mochila e organizou uma sacola com toalhas, cuecas e meias, passou apressado por um corredor que além do toailete, levava ao seu quarto e a outro mobiliado a sempre esperar a volta de sua mãe, entrou em cada quarto cortinando janelas já fechadas, foi à sala, olhou para o quadro que retratava o dia do casamento de seus pais, assoprou o pó e o endireitou, pediu ao Pai Celeste, força, pediu ao Filho Messias, boas venturas, e ao Espírito Santo, serenidade.

Fechou a porta, passou pelo quintal sem olhar para o passado e com futuro incerto, trancou o portão e foi aos vizinhos.

Seu amigo Gael Zunigan ainda dormia, se restaurando de sua labuta na boemia noturna, músico que era, mas a esposa do mesmo, Mariê Lira, também amiga de Lio, já se preparava para suas atividades cotidianas e o atendeu.

Lio explicou o acontecido com sua mãe e pediu à Mariê que regasse suas plantas em sua ausência, e que Gael uma vez por dia, arejasse a casa abrindo janelas e cortinas, ou vice-versa caso preferissem.

Deixou as chaves de sua casa nas mãos da vizinha e ela por sua vez disse que o casal com certeza executaria tais atividades, o tranquilizou pontuando o quanto sua mãe era forte e desejando-lhes boa sorte.

Lio Akbel foi rumo à Estação Ferroviária, e no guichê para compra da passagem pensou como certos acontecimentos são como Frutas Temporãs que caem dos galhos do Hoje, podendo amargar os solos dos Amanhãs.

Faltavam apenas alguns minutos para o trem que Lio Akbel iria embarcar, seguir viagem, e ele viu um homem mais velho, grisalho e barbudo que possivelmente era o Maquinista devido à vestimenta e que se direcionava ao específico vagão de quem conduziria o trem.

Lio Akbel apressou o passo para alcançá-lo e quando estava alinhado com ele, disse:

— Olá, com licença, tudo bem? O senhor é o Maquinista?

— Tudo na Santa Paz de Deus, e contigo? Sim, eu sou.

— Tudo bem comigo, mas é que eu vou para Santo Expedito Setentrional e estou com certo receio de errar a estação devida, reparei que nessa Linha há pouca sinalização.

— Não há o que errar, Santo Expedito Setentrional é a estação final dessa malha ferroviária. Não há pouca sinalização, basta ter olhos de enxergar Sinais. Fique tranquilo irmão, não há como errar, mesmo que você tente se desviar do seu Destino, ele encontrará você.

Lio Akbel aliviado com a informação, apenas agradeceu em verbo e gesto.

Foi para o vagão e localizou seu assento e refletiu sobre o Maquinista.

O considerou meio doido, entendeu que na frase que ele disse *“não há pouca sinalização, basta ter olhos de enxergar Sinais”*, faltou certa empatia, pois nem todos estavam acostumados com o trajeto como ele. Achou estranho ser chamado de irmão, não entendeu se gíria, expressão religiosa ou lampejo de intimidade.

E na frase que ele disse, *“mesmo que você tente se desviar do seu Destino, ele encontrará você”*, achou prática demais, pois havia chance de erro do passageiro sim, já que Santo Expedito Setentrional era a última estação, mas não a única, caso não perguntasse, poderia errar e descer em alguma estação anterior.

Mas para Lio Akbel, o importante era que tal homem lhe elucidara e por isso o tinha certa gratidão, só não entendeu